

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio De Mesquita Filho”
Instituto de Artes - Campus São Paulo

Leticia de Sousa Alves

entre mundos:
diário da gatinha

SÃO PAULO
2024

Leticia de Sousa Alves

entre mundos:
diário da gatinha

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes,
Universidade Estadual Paulista “Julio
De Mesquita Filho”, como parte dos
requisitos para a obtenção do grau de
Bacharelado em Artes Visuais.

Orientadora:
Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli

S ã O P A U L O
2 0 2 4

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação
do Instituto de Artes da UNESP. Dados fornecidos pelo autor.

A474e Alves, Leticia de Sousa, 1999-

Entre mundos: o diário da gatinha / Leticia de Sousa Alves. -- São
Paulo, 2024.
128 f. : il. color.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rita Luciana Berti Bredariolli.
Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) –
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Artes.

1. Arte. 2. Diários. 3. Estudantes universitárias - Narrativas pessoais. 4.
Livros de artistas. I. Bredariolli, Rita Luciana Berti. II. Universidade Estadual
Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 702.81

Bibliotecária responsável: Catharina Silva Gois - CRB/8 11323

Leticia de Sousa Alves

entre mundos:
diário da gatinha

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, São Paulo, para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Defesa realizada em: 02/12/2024.

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli
Orientadora - Instituto de Artes da Unesp

Gabriel Coltri Figueiredo Sena

Primeiramente,

Obrigada mamãe por ter me criado, aguentado, mimado, sacudido, abraçado e pelos olhos meiguinhos. Obrigado papai pelos conselhos, por me ensinar a nunca desistir e pela pele preta. Também agradeço à minha irmã fleabag pela autonomia e a liberdade para voar.

Também carrego em meu coração minhas bebês de quatro patas e seus beijos molhados.

Assim como carrego JoJo e Vovó, que vivem em memória em eternos chamegos y cafés da tarde.

Minha bubi do bundão pela paciência e denguinhas.
Por suas mães y seu irmão gêmeo biel.

Pros amores,

Que me acompanham em momentos de colinho, alquimia de argilas, barzinhos ao longo da semana, longas reuniões de trabalho, fugidinhas aqui pra casa, piscina, titkoks, vergonhas alheias, conversas absurdas, cines na piscina, ubers noturnos, rolês insalubres, atrasos compartilhados, caminhadas ao metrô, cachaças de gengibre, vlogs digitais, shows em lugares duvidosos e fumódromos lindos, escada de incêndio, rolês salubres, projetos megalomaniacos, filmes, poluição da barra funda, lanches ruins da cantina, cafezinhos da tarde ao pôr do sol, lanches deliciosos e achados baratos gastronômicos, reclamações cotidianas, notas de empresária, veganismo, tardes cerâmicas, terrores burocráticos y noites paulistas.

Em especial agradeço Flavush, Kai, Juju y TROX que me acompanharam mais presentemente pelos corredores nesse “último ano”.

Amo estar perto.

Não menos importante,
Gratidão pela formação que recebi no cursinho prévia, pelos estudos, pelas amizades, pelas experiências, pelas risadas e pelos momentos compartilhados, incluindo as comidinhas. Foi no PRÉVIA que conheci Gabriel Sena, com quem compartilho amores, como nossa paixão por publicações independentes, nossa experiência na ETEC Tiquatira – onde hoje ele dá aula – e, claro, o amor pela Taylor Swift. Também sou grata ao PIBID, que me ensinou sobre plantação de sonhos, o poder da vulnerabilidade, o erro e a errância, a pedagogia do erro e a importância do compartilhar.

Agradeço à Rita pelos diálogos, pelo carinho e pelas referências valiosas.

E, por fim, agradeço a mim pelo foco, pela força e pela fé.

Resumo

Este trabalho explora as memórias e suas transformações ao longo do tempo por meio de uma coleção de contos e relatos pessoais que entrelaçam vivências relacionadas à identidade, pertencimento e amor. A proposta busca brincar com diferentes formas de registro, utilizando diários escaneados, blocos de notas digitais, páginas e anotações transcritas, além de desenhos e imagens.

palavras chaves: memória; arte; resistência; subjetividade.

Resumen

Este trabajo explora las memorias y sus transformaciones a lo largo del tiempo a través de una colección de cuentos y relatos personales que entrelazan vivencias relacionadas con la identidad, el sentido de pertenencia y el amor. La propuesta busca jugar con diferentes formas de registro, utilizando diarios escaneados, blocs de notas digitales, páginas y anotaciones transcritas, además de dibujos e imágenes.

palavras chaves: memoria, arte, resistencia, subjetividad.

Sumário

1. Introdução.....	16
2. Uma vez escreveram sobre mim.....	24
3. “Caminhante, não há caminho; faz-se o caminho ao caminhar”.....	27
4. Coloque essa energia em você!.....	40
5. Contemplar.....	48
6. Felicidade é viver na sua própria companhia....	68
7. Sobre o que fica.....	72
Referências.....	80
Índice de imagens.....	83

Sabia que Leticia significa alegría?

Quando era pequena, Leticia adorava recortar umas bonecas de um site, jogar no Paint e desenhar umas roupinhas para elas. Fazia isso por horas.

O tempo passou e o caminho para entrar no curso técnico de Comunicação Visual da ETEC foi natural: as artes e o design sempre foram a linguagem dela. Mais um pulo e ela começou a cursar Artes Plásticas na Unesp, certa de que atuaria como designer. Licenciatura nem pensar!

Mas lá pelas tantas, Letícia se permitiu experimentar dar aulas no cursinho popular da universidade. Se apaixonou perdidamente! Mergulhou de cabeça nesse trabalho e agora quer ser professora. Conseguiu uma bolsa de iniciação à docência, está feliz da vida.

E você pensa que ela largou o design gráfico? Que nada. Ela gosta também e se sustenta com isso. Contratei-a para uns jobs de redes sociais e eu estou amando o trabalho dela: muito eficiente, profissional e criativa. Super indico! Além dela mandar bem, o que me encantou também foi ver essa #pluralidade natural que a Letícia, e talvez toda a geração dela, traz consigo. Para eles não têm OU. Eles agregam, experimentam, sem medo. São vários em um.

Ela me disse que ainda é um “girino” e isso me deu uma sensação imensa de liberdade. É como quem nada veloz na correnteza do rio, sabendo que muitas metamorfoses virão.

Indicação de LinkedIn escrita por Ana Paula Rodrigues.

“Não há nada de novo,
Que eu possa dizer.

Muitas vezes,
Sinto que tudo já foi dito.

Sinto que já sabemos tudo,
Mas tendemos a esquecer do que sabemos.

É por isso que hoje,
Eu vos quero contar uma história..”

KILOMBA, Grada. “Ilusões Vol. I Narciso e Eco”. In:
Grada Kilomba: Desobediências Poéticas. São Paulo:
Pinacoteca de São Paulo, 2016.

1. Introdução

Brincando com o ser e o não ser da obra de arte e da ficção, este trabalho expõe fragmentos narrativos que exploram os movimentos da memória, do desejo e da intimidade. Esses fragmentos, como retalhos de mundo, são costurados para experimentar e revelar. A diagramação distorce a linearidade convencional e aproxima-se mais do ato de costurar retalhos, onde a totalidade não se impõe, mas se constroi pela justaposição de pedaços. A escolha por uma linguagem mais livre, sem a rigidez do liso¹, do formato acadêmico tradicional, permite que o texto se mova para outros espaços, onde diferentes camadas de reflexão se sobrepõem e coexistem.

A visualidade emerge como uma reivindicação do ‘direito a olhar’, conceito desenvolvido por Nicholas Mirzoeff, que desafia a imposição da autoridade sobre a interpretação do sensível. Nesse contexto, surge a questão do que é a verdade — um questionamento que me acompanhou ao longo do processo de criação. Esse eterno ir e vir de reflexões sobre as possíveis leituras que meus fragmentos de memória poderão suscitar no outro. O ‘direito a olhar’ recusa a subordinação da estética à dominação,

¹ Byung-Chul Han utiliza o conceito de “liso” para descrever a sociedade contemporânea como uma superfície uniforme e desprovida de profundidade, onde tudo se torna transparente e acessível, eliminando o espaço para o negativo e a alteridade. Em obras como *A Sociedade da Transparência* e *A Agonia de Eros*, ele explora as implicações dessa “lisura” na cultura, nas relações humanas e na própria percepção de si, relacionando-a a uma estética e uma lógica de saturação e positividade extremas.

permitindo que o olhar e a interpretação desafiem a norma estabelecida, abrindo, assim, espaço para a minha subjetividade ou como gosto de pensar na leveza do ser. Ao afirmar esse direito, cria-se a possibilidade de novas interpretações.

O texto e a imagem se tornam um espaço para o diálogo entre o olhar e o visível, entre o que se vê e o que se pode dizer sobre isso. A memória, nesse contexto, se configura como um tecido, pedaços de recordação do passado, mas também como um processo contínuo de seleção e exclusão do que será colocado em exposição. E a pergunta permanece: se a relação entre imagem e texto permeiam o trabalho, como fica o vazio?

A memória, como uma “ilha de edição”, conceito emprestado de Waly Salomão para a 22^a Bienal Sesc_Videobrasil, questiona o que se escolhe lembrar e o que se deixa de lado. O vídeo da Bienal, com sua ênfase na montagem e no movimento, ilustra como a memória não é estática, mas uma reconstrução contínua, mediada pelas trajetórias pessoais e pelas experiências sensoriais. Inspirado por essa reflexão, a escrita e a imagem se entrelaçam, sendo o vazio não entendido como ausência, mas como espaço para ficção, uma abertura para as experiências do leitor. A fragmentação do texto e da diagramação reflete o processo de pensamento, que muitas vezes não segue uma linha reta, mas se desenrola por meio de interrupções, saltos e conexões inesperadas. Essa ruptura é a resistência ao “horror burocrático”², que frequentemente limita a fluidez da expressão e a liberdade criativa.

Fi-lo porque qui-lo

² Apropriação crítica e subversiva das ferramentas burocráticas. Ao trazer para o espaço estético essas linguagens e estruturas, que normalmente evocam sentimentos de incômodo e alienação, a obra de arte se torna um campo de batalha visual, no qual o espectador é convidado a questionar a autoridade e a autonomia individual. ANDRADE, Vinicius; ZADOROGUOI, Henrique. Estudos acerca do horror burocrático como ferramenta anti-sistema. In: GT 6 - Vida e assertividade. 9^o CIIACT SAD, 2024.

O movimento de resistência apresentado por Saidiya Hartman em *Vidas Rebeldes* é marcado pela criação de novas formas de existência e narrativa, em que as jovens negras descritas por ela, imersas em um contexto de opressão, não apenas enfrentam a violência imposta, mas também ressignificam seus lugares no mundo a partir de um “não-lugar”. Esse “não-lugar”, anteriormente entendido por mim como espaço de não pertencimento, de inexistência, de ser amado sem ser considerado, transforma-se, assim, em um campo de resistência e reinvenção. Esse movimento, de desafiar a opacidade da história e da memória, ressoa com o conceito de “ensaiar o ver”³ proposto por Georges Didi-Huberman. Para ele, a resistência está na reconstrução constante da memória e da linguagem, como formas de combater a simplificação e o esquecimento. Se a linguagem nos é dada, o dizer nos é constantemente retirado, e é pela luta incessante, um ensaio que nunca cessa, que nos debatemos com o inominável de nossas experiências — com nossa falha constitutiva diante da opacidade do mundo e de suas

³ O conceito de “ensaiar o ver” de Georges Didi-Huberman. Propõe que a visão não seja um ato passivo ou imediato, mas uma prática contínua de reinterpretação e reflexão. Segundo Didi-Huberman, a visão deve ser constantemente “ensaiada”, ou seja, revisitada e reconfigurada, especialmente quando se trata de imagens carregadas de história e memória. Esse processo de “ensaiar o ver” é uma resistência à simplificação e ao esquecimento, buscando não apenas compreender as imagens de forma imediata, mas aprofundar-se em seus múltiplos sentidos, muitas vezes ocultos. A ideia também se conecta à memória, sugerindo que o olhar deve se engajar ativamente com o passado e com as narrativas que foram distorcidas ou silenciadas, propondo um esforço contínuo para reconfigurar e resgatar essas memórias.

imagens (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 53). Assim, tanto Hartman quanto Didi-Huberman apontam para uma prática de resistência que, ao reconfigurar as narrativas e as memórias, abre espaço para novas formas de ser e de existir, desafiando as limitações impostas pelas histórias dominantes.

A ficção, ao misturar vivências pessoais com criações imaginárias, oferece terreno fértil para explorar as relações entre a arte e o autoconhecimento. Ao tratar de temas como o amor, por exemplo, observa-se como experiências cotidianas, como a prática da cerâmica, se transformam em momentos de introspecção e reflexão. Modelar argila, longe de ser apenas um gesto técnico, é uma prática de presença, que requer atenção ao corpo, que abre espaço ao fluxo do pensamento, à transitoriedade do tempo e ao lugar ocupado no mundo. Como sujeito-artista, ao moldar a argila, encontro uma conexão com minhas identidades, sovando o processo artístico à vida cotidiana. O ato de criar, assim, não é apenas um movimento exterior, mas uma experiência interna de transformação e busca por sentido, como observa Sumaya (2022), ao enfatizar que a arte pode ser uma prática de autoconhecimento profundo.

Trabalho artesanal é sobre sobrevivência no cotidiano
Prática contínua nutre sonho e realidade.

Amor é ação⁴

Ação é movimento ~

⁴ Bell hooks, em seu livro Tudo sobre amor, redefine o amor como uma prática ativa e consciente, que vai além dos sentimentos e emoções passageiras. Para hooks, o amor é uma escolha deliberada, uma ação que envolve cuidado, responsabilidade, respeito e compromisso com o bem-estar do outro. Ela enfatiza que o amor não é algo que acontece espontaneamente ou de maneira automática, mas sim uma prática cotidiana que exige esforço e intenção. O amor, segundo hooks, deve ser vivido de forma ativa em nossas relações, desafiando tanto as visões românticas quanto as ideologias que reduzem o amor a um estado emocional. A partir dessa perspectiva, amar é um ato de resistência à opressão e ao individualismo, propondo uma maneira mais radical de viver em comunidade e empatia.

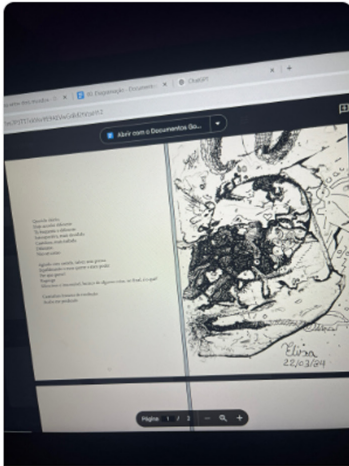
abricot praia de
nudismo

"minha amiga mais
sabia leticia sousa"
[#love](#)

o sentimento de querer
fugir de coisas boas com
medo de perde-las
[#amor](#)

love

amor



conclusão da noite
o detox foi muito forte

tem energia dentro da gente
tem movimento
quando eu quase fecho os
olhos posso ver meu pulsar

imagens de dentro da minha
cabeça

[#social](#)

social

hoje eu to super agitada
cordei felizinha universo
ontem me mostrou caminhos
do vento
a abelhinha me guiando pro
caminho de casa
o vento falando comigo
tempestades estão por vir?
vento com areia sinal? ou
natureza tomando seu caminho
e levando a poeira pra longe
trabalhar feliz
estar feliz com o fazer da suas
coisinhas
o que é felicidade?
me sinto bem e brilhante

[#love](#)

desconexao com fala
percepção aguçada do meu
bico
mulher brava
olhar forte

love

love

Me retirar da lógica capitalista de que a produção artística deve ter por objetivo entregar algo ao espectador, que torna-se um consumidor, e explorar a performance como pesquisa e ato pessoal, subjetivo e individual.

[#love](#)

love



don't forget your roots



love



isa
@isacartas

Princípios para a vida:

- Sozinho: cuide dos seus pensamentos.
- Em grupo: cuide do seu comportamento.
- Com raiva: cuide das suas palavras.
- Nos desafios: cuide das suas emoções.
- No sucesso: cuide do seu ego.

[#love](#)

love

07:06



< 55



Bubu



lele

09:59



bubu e lele di bitoquinha

10:00



to muito rebelde hihhi



[#love](#)

love

deixe as pessoas te

2. Uma vez escreveram sobre mim...

“A princípio, o mapa dela tem uma predominância de signos de ar e terra, que são mais racionais e voltados para a lógica. Isso não significa que a parte emocional seja fraca, pelo contrário. A Lua e Júpiter em Peixes adicionam uma grande carga emocional e uma sensibilidade.

Capricórnio, por exemplo, muitas vezes é visto de forma negativa — como frio, calculista ou até “o demônio” — mas eu enxergo Capricórnio como algo mais profundo, como um aquífero. O símbolo do signo é uma cauda de baleia (se não me engano), o que representa um ser que possui garra e determinação, mas que também sabe se voltar para dentro e se sustentar com suas raízes.

É um signo que combina firmeza com uma grande quantidade de emoção, o que se reflete no Sol e Mercúrio em Capricórnio. Esses dois planetas, estando em conjunção (a menos de 10 graus de distância), se complementam e se fortalecem, ajudando a pessoa a concretizar ideias, estruturar projetos e transformar o pensamento em ação. O Sol é a essência dela, o ego, o que brilha e se projeta no mundo. Mercúrio traz essa capacidade de pensar de forma estruturada e prática.

Já o Ascendente em Aquário traz uma leveza à combinação de Capricórnio. Aquário é um signo fixo e que, embora tenha dificuldades com mudanças, possui um coração que busca transgressão, inovação e originalidade. Esse posicionamento faz com que ela se comunique de uma maneira mais voltada para o coletivo e para a liberdade,

mas com uma base de firmeza que o Sol em Capricórnio oferece. Aquário é um signo que se envolve com a sociedade e os grupos de uma forma muito humana e progressista.

A Lua em Peixes traz uma sensibilidade enorme, é um posicionamento de grande empatia, que pode ser vulnerável às ilusões e ao escapismo. No entanto, é muito positivo que ela tenha o Sol em Capricórnio e o Ascendente em Aquário, pois esses posicionamentos trazem uma clareza e uma direção, ajudando a Lua em Peixes a não se perder nas emoções. A Lua em Peixes também está muito ligada ao processo de desapego e transmutação, algo que a vida dela pode exigir de forma constante.

Júpiter em Peixes é um ótimo posicionamento, pois esse planeta rege Peixes, sendo como se estivesse em casa. Ele traz uma expansão natural, prosperidade e sorte, principalmente no campo da imaginação e da espiritualidade. Porém, também pode haver uma tendência a idealizar demais as situações.

Em geral, é um mapa que tem muita potencialidade. Embora a pessoa precise de uma base sólida, ela também é capaz de grandes transformações, tanto na esfera pessoal quanto no mundo ao seu redor. O foco em questões sociais e a luta por justiça também são importantes, e essa pessoa tende a se apaixonar pela arte e pela expressão criativa.”

Conversa de whatsapp entre Bruna Lobo e Tati Mito
transcrita por *chatgpt*.

Figura 3



Festa da firma
e looks iguais

3. *“Caminhante, não há caminho; faz-se o caminho ao caminhar”*

- Antonio Machado

Não tenho memória da minha primeira palavra, nem do meu primeiro sorriso, mas dizem que, ao nascer, fiz xixi na médica. São essas pequenas lembranças que constroem minhas memórias de infância, memórias coloridas com camadas de pigmentos diluídos em água que podem ou não ser sobrepostas. Minha mente funciona como uma nave, navegando entre imagens baseadas em narrativas que me foram contadas, nas palavras que ouvi e nas experiências que vivi. Ao pensar na verdade sinto uma sensação de insuficiência, como se as fronteiras entre o que é real e o que é imaginado se tornassem indistintas.

O universo parece falar comigo através de pequenos sinais, guias que escolho acreditar. O que é a vida, afinal?

A máquina⁵ me pergunta e responde ao mesmo tempo. Ciclos de tempos vivido em distopias presentes na mente. Às vezes me sinto presente, outras confusa pelos vazios da memória que formam possíveis certezas.

Será que precisamos viajar? Passar tempo junto?
Entender quem ele é antes de você.

—

⁵ Carlos Drummond de Andrade utiliza a metáfora da “máquina do mundo” para expressar a busca humana por compreensão do universo, destacando a tensão entre o desejo de entendimento e a limitação humana.

Figura 4



É muito “engraçado” ver o passado com olhos do presente.
Vemos as palavras com diferentes cargas interpretativas.



Vera Regina Marins



Responder

eu preparando cha da tarde pra
vc quando nois aposenta



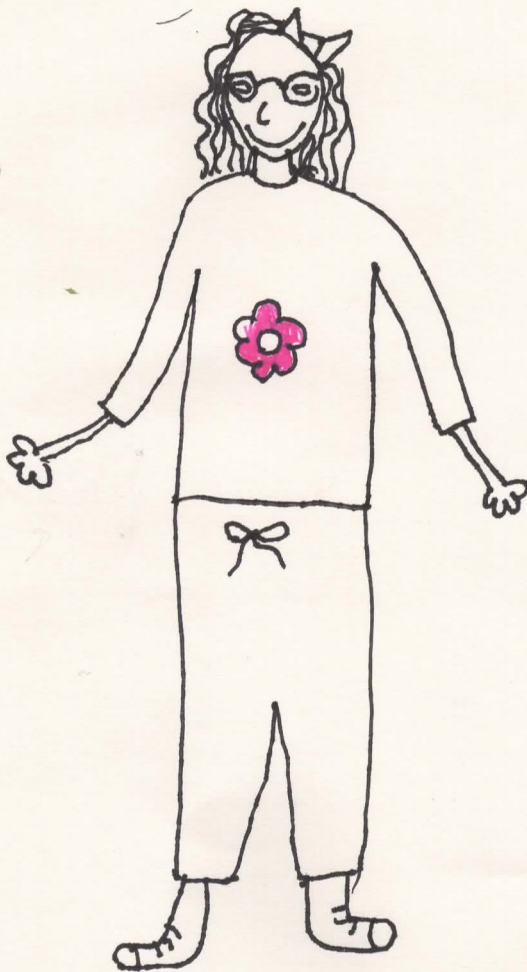
Hoje 02:03

Kai Sumadossi: eu preparando cha da
tarde pra vc quando nois aposenta

sonho

Enviado

não se esqueça
do glaseado melu!



Elisa

Querido diário 

Há poucas semanas fomos com mamis fazer uma tour que intitulamos DE VOLTA PARA MINHA TERRA, a gatinha manhosa que me trouxe ao mundo é potiguar, nome dado para quem nasceu em Natal - Rio Grande do Norte e que mamis desde que eu me entendo por gente tem mt orgulho de se denominar.

Foi incrível conhecer seus irmãos, seus parentes (algunsrs), as comidas (em especial a tapioca da leleta 😞), a água boa que deixava minha pele bonita e o cabelo brilhoso, a água de coco tirada diretamente do pé com uma vara enooorme, os auaus e muito mais coisa que é pouco espaço pra citar!

E desde essa viagem meus sonhos de consumo são macaxeira molinha no café da manhã e jantar cuzcuz da Mariquinha com linguça 😊😊

Mt grata por ter minha veinha na vida e cada vez mais aprendendo a admirar e apreciar essa muie  

*: Demorei um pouco pra aceitar que tirei a maioria das fotos em modo ANEXO com a pior qualidade possível, masssss por ventura e porém vou assumir como linguagem 

** : Pensei em fazer um minifilme com os registros mas ainda não superei o tombo dos anexos

Editada 6 de abr. de 2022



Fechar

Gosto de ser mamãe, mas não gosto de
sempre ser mamãe, gosto também de
ser filhinha, de ser cuidada.

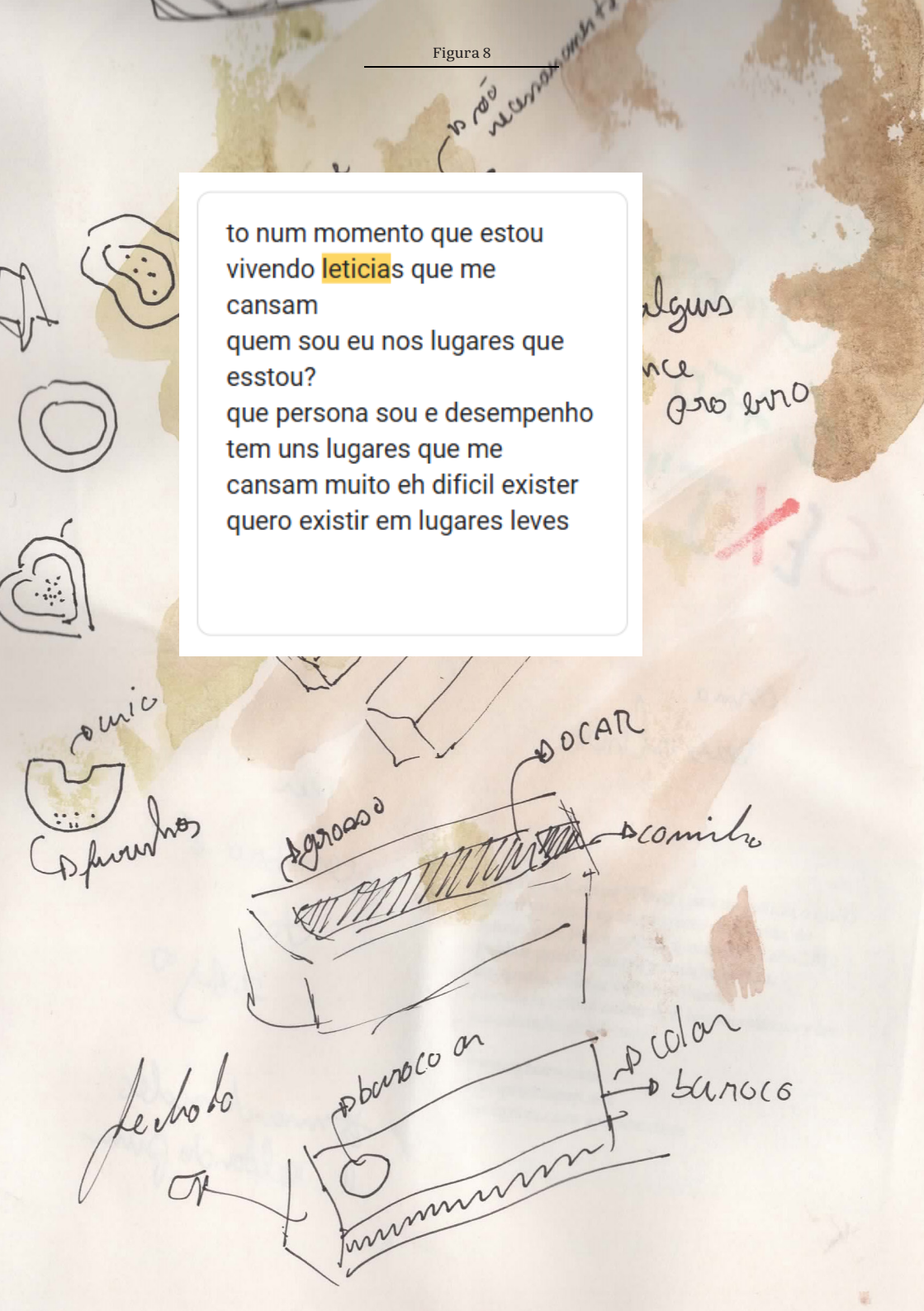
Na verdade, gosto mais
de ser cuidada do que cuidar.
É tão difícil cuidar de
mim mesma, me amar,
lavar roupa. Custa muito
me amar, me priorizar.

Cabeça pesada, posso me permitir descansar?

você abre seu olho pra mim
eu preâmbulo pelos padrões dele
castanhos claros com cor de viralata
caramelo misturado com golden retriever
deve ser seu duplo escorpião
eu acho mágico
é por você que eu acredito neles
os numeros iguais
as dobradinhas
por que com você eu vejo o mundo em dois

em determinado momento te disse
que tinha medo da nossa intensidade
hoje fico pensando da sua ou da minha?
colocar em você meus pensamentos
o que não gosto em mim coloco no outro
tudo precisa se guardar em algum lugar
até o que não tem lugar

to num momento que estou
vivendo **leticias** que me
cansam
quem sou eu nos lugares que
esstou?
que persona sou e desempenho
tem uns lugares que me
cansam muito eh dificil existir
quero existir em lugares leves



21/09/22

Hoje foi um dia muito bom! Fomos no Bacarelli dar oficina para as crianças e foi lindo foi mt divertido me deu uma vontade linda de viver é uma dinâmica que aquece o coração sabe? Teve uma menina que me abraçou e eu achei tão fofa me deu vontade de chorar sentir o carinho dela por mim e as crianças vindo falar comigo e quando eu estava falando dos desenhos foi tão fofo eu to feliz de ter tido a oportunidade de estar lá! Queria ter ido mais vezes e vou tentar ir outras vezes tbmmm mesmo que eu me aperte um pouquinho aaaaaaaaaaaaaa to mt feliz ansiosas pelas fotinhas

Esse fds tbm fui com a Bru e o Biel num restaurante chileno comemos ceviche e tomamos um sorvete caro mt bom foi divertido eu gosto mt de sair com a Bruna e o Biel e andar de mãos dadas, falar besteira, passear pela cidade e conhecer lugares novos e deliciosos mhaaaaaaaaaaaaaa sorvetinho de mirtilo com doce de limão e outro de macadâmia torrada(?)

Meu coraçãozinho tá apertado to com mt saudades do meu bebê é engraçado pq qnd eu desabafo é um choro que vem de muitos lugares e sempre decai mt na falta falta do carinho no amor, na lambidinha nos olhinhos, no cheiro, na pele, tocar a pele e ser um lugar que eu já conheço, que eu conheço cada detalhe, cada manchinha, que eu acompanhava o suvaquinho, cheirava a orelhinha, limpava o narizinho, pegava no colo, virava de barriga pra cima msm deitada, abraçava, ele vindo até mim qnd eu chegava, o latido, o amassado, o soninho, dormir junto, a última vez que dormimos juntos, é tão bom, é tão lindo são momentos que eu sempre tentei aproveitar ao máximo, apreciar e estar lá no meu máximo e me doi lembrar tudo isso mas é tão bom saber que eu tive a oportunidade de vivenciar esses momentos tbbb, eu fico pensando como será que ele tá, será que ele tá num lugar bom, será que ele virou uma saudade do mesmo jeito que eu tô fico pensando se ele me perdoa.

comecei a acompanhar o
ritmo da minha irmã que é
um ritmo que não é meu

tenho mt carinho e paciência
com outras pessoas mas com a
bu que é mt próximo a mim
tenho zero pq?? e sou mt crítica
com ela

mas eu odeio tbm nos outros
eu odeio pessoas eu só gosto
em doses palatáveis acho
insuportável ter pessoas mt
próximas a mim as vezes

com as pessoas que tão perto
de mim em alguns sentidos
finjo que...

love

anotações

sinestesia
imagem fala por si só
(fotografia) (o olho "aprende")
mais rápido que as mãos
imagem substitui
palavra(fotografia)
imagem substitui o som (jazz)
sinestesico
desenhar sons
5 sentidos
olfato, tato, paladar, visão,
audição

#amor

amor

Através desta apropriação,
da combinação e da
recontextualização
destes elementos, o trabalho
deverá abrir novas
possibilidades interpretativas

sinestesia

#amor

amor

ARROZ DOCE

1. cozinhar o arroz com água + açúcar (+3 colheres avantajadas)
2. com o arroz já cozido ver se está bom de açúcar (cuidado p n colocar muito)
3. adicionar: leite e deixar ferver, leite de coco e deixar ferver, leite condensado e deixar ferver
5. quando ferver, bater uma gema bem batidinha, temperar a gema e mexer mais um pouco até ficar cremudinho.
6. tá pronto

laricas

Sinta e depois pense
nao pense e depois se
obrigue a sentir

#amor

amor

eu vou fazer oq eu posso.
não vou deixar se foder pq
meu importo mas não vou dar
tudo de mim

os sentidos, os 5 sentidos e
como eles guiam o mundo, o
nosso mundo. como se ao
explorar a gente conseguisse
equilíbrio, como se a gente
conseguisse não
necessariamente todos mas
algum entender os pedaços
sensoriamento, em que lugar
isso me excita.
no amor, o amor do olfato que
agüça esse sentido e te...

amor

É mais uma ideia de
pesquisa feita de ideias
flutuantes e que eu aplico
algumas vezes em certos
trabalhos mas não me
aprofundo muito.

é uma brisa meio do
automático, do orgânico, do
movimento de nao pensar
muito pra onde estar indo mas
ir compondo um processo que

explora as linhas
peso das formas
cores
e como essas coisas se
relacionam na composição

criando ideias de movimentos,
velocidades...

anotações

sinestesia
imagem fala por si só
(fotografia) (o olho "aprende")
mais rápido que as mãos
imagem substitui
palavra(fotografia)
imagem substitui o som (jazz)
sinestesico
desenhar sons
5 sentidos
olfato, tato, paladar, visão,
audição

#amor

amor

11:54

SOMENTE LEITURA – este documento está em... mais Atualizar uma cópia

interdependência. Para avançar nos níveis da maturidade, é preciso chegar na sua vitória particular, para alcançar sua vitória pública.

"Quando nos tornamos independentes – proativos, centrados nos princípios corretos, guiados pelos valores e capazes de nos organizar e agir conforme as prioridades da nova vida com integridade –, então podemos escolher a interdependência, a capacidade de construir relacionamentos ricos, duradouros e altamente produtivos com outras pessoas." Covey, em outras palavras, explica que partimos da **dependência** à independência (vitória particular) e que antes de alcançarmos a **interdependência** é preciso nos tornarmos **independentes**, e para isso, é preciso adotar três hábitos altamente eficazes que trabalham exatamente com o foco na autorregulação, uma vez que estimulam o desenvolvimento da capacidade de regular as emoções, pensamentos e comportamentos de maneira eficaz em diferentes situações. São eles:

Hábito 1 – Seja proativo: os estudantes são estimulados a desenvolver a capacidade de

#tcc

tcc

Figura 10

acordei hoje 4:04 da manhã
na minha cabeça veio o som da sua voz
le nao abandona a mamae
na minha cabeça ja te abandonei
no meu coração sinto
que segui o meu caminho
tentei me construir forte
pq quando você foi
vc nao foi

Figura 11



ESSA ENRIQIDA
EM VOCÊ?

Figura 12



objeto maluca doída doidinha palhacinha
engraçadinha pretinha pequenininha criancinha
infantil mulherão peituda trophy wife

4. Coloque
ESSA ENERGIA
EM VOCÊ!

No presente, enfrento desafios e busco sentido em minhas escolhas. O trabalho⁶ me distrai e me conforta, mas também me confronta com minhas próprias limitações, há também as vozes na cabeça. Em meio a tudo isso, busco um equilíbrio que às vezes escapa, tentando me manter fiel a quem sou, mesmo quando não tenho certeza do que isso significa. No caminho aprendo que a desilusão é uma das formas naturais de contemplação da vida, assim como a experiência do deslocamento. O valor do deslocamento, assim como o valor da desilusão, reside no caminho que nos move para além da ilusão, permitindonos ver a realidade ao redor, pois o que somos capazes de enxergar depende do lugar em que estamos. (hooks, 2020, p.59). Percebo que os movimentos da vida nos levam a ocupar diferentes perspectivas, abrindo caminhos e trazendo novas percepções do mundo. Ao consumir leituras, percebi que as experiências e circunstâncias moldam a forma como compreendemos a realidade. Os desafios, muitas vezes custosos, são importantes, pois nos permitem explorar novas dimensões. Assim, encontramos maneiras diferentes de enxergar o que nos cerca.

—

⁶ Trabalho e o Signo de Capricórnio, relação gerada por *chatgpt*: Capricórnio é caracterizado por sua determinação e foco nas metas, buscando sempre estrutura em seu trabalho. Embora se sinta motivado por desafios que impulsionam seu desenvolvimento, a pressão para cumprir altos padrões pode gerar distrações e conflitos com suas limitações e expectativas externas. Lidar com essas frustrações e aceitar que nem tudo será perfeito é fundamental para preservar tanto a produtividade quanto o bem-estar.

“Primeiro você tenta se aproximar sem fazer muito barulho. Ela floresce ao longe. Há folhas secas no caminho, nas trilhas que se bifurcam entre as árvores do bosque. Ao se aproximar o suficiente você pode apreciá-la por completo. Tudo vai bem. Muito bem. Depois você aguça o ouvido para escutar sua voz. Terá ela voz? Não se escuta nada. Parece ter olhos, mas podem ser iscas. Poderia jurar que ela te olha, que te olhou. Ela vira e mostra as costas com doze mil asas. Espreguiça suas panturrilhas de alumínio e abre as vértebras dorsais, onde aninha pequenos pássaros de grafite. Volta a repousar. Ela está quieta, e em seu interior se agitam chocalhos. O som de sua alma. Está tudo bem. Você pode dar mais alguns passos. De trás dessa árvore poderá vê-la melhor. Os poros de suas nádegas brilham como centenas de terminais de fibra óptica e têm cheiro de morangos frescos. Treme. Ela treme. É possível que pressinta sua presença. É o momento. É agora ou nunca. Você corre até ela, que se vira repentinamente, e o impulso desse giro desfaz seus braços em pétalas de sangue. Você atira um espelho, e então outro, e então mais um para evitar que ela se desfaça totalmente. Para capturá-la. Então ela assume a forma de uma estátua, uma Vênus de Milo. As doze mil asas caem no chão, transformadas em cinzas. Os pássaros de grafite voam longe. Pura, ela o espera, marmórea. É sua. Ela é sua. Você a leva para casa. Então começam os problemas. (Zooney, 2020, p.41)

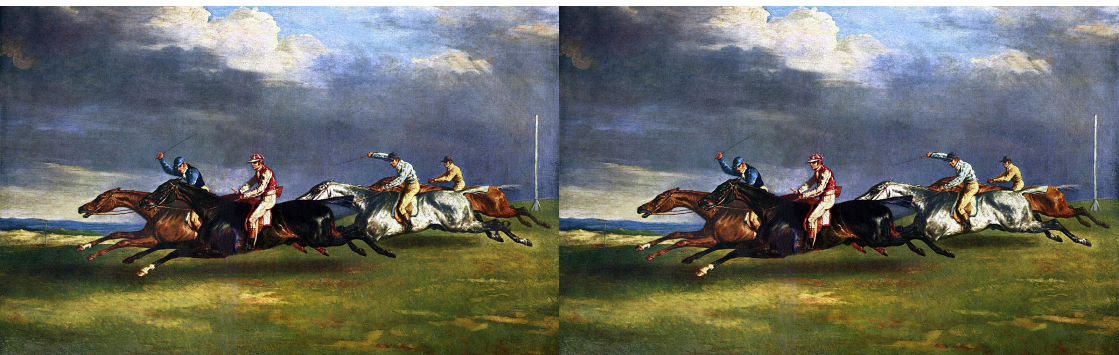
Espelhos, com suas imagens em movimento, compõem ideais que escapam à realidade, reflexos que falam mais de quem os vê do que da figura projetada. Em diálogos cotidianos sobre amor e intimidade, é comum surgir a sensação de estar à beira de algo impossível, como se o desejo fosse uma sombra que nos escapa no instante em

que estendemos a mão. Na tentativa de capturar essa figura enigmática, os espelhos se tornam metáfora da luta por concretizar o intangível, por agarrar aquilo que refletiu por um instante, apenas para descobrir que, ao ganhar forma, o ideal perde sua vitalidade. A estátua, imutável e silenciosa, simboliza essa desilusão: o desejo, antes vivo e dinâmico, transforma-se em objeto estático, esvaziado de alma.

Perdidos no reflexo interminável de nossos próprios anseios, criamos um ciclo de insatisfação, uma armadilha onde a busca por compreender e controlar se torna um eco de nós mesmos. Talvez, então, a realização não esteja em capturar o efêmero, mas em aceitar sua natureza fluida, permitir que o desejo viva em seu movimento, sem exigir que ele seja mais do que isso. Pois, ao final, o que realmente nos escapa não é o desejo, mas a necessidade de fixá-lo em algo que ele nunca poderia ser.

Quando em busca por novas experiências, persegui a intimidade. Perdida em meu procurar, ao tentar me reencontrar, a percebi presente em lugares que não imaginava, muitas vezes não valorizava ou sequer buscava. Essa descoberta me levou a refletir sobre como as relações interpessoais influenciam nossa percepção de nós mesmos.

Figura 13



ganhei um pão de
queijo da moça da
padaria 🇧🇷❤️

[#love](#)

love

delirios de uma patricinha do
cangaíba zona leste de são paulo.
diretamente da curva do s é ela
leticia sousa.

A piada é que gosto que escrevam
meu nome completo.
Leticia de Sousa Alves!

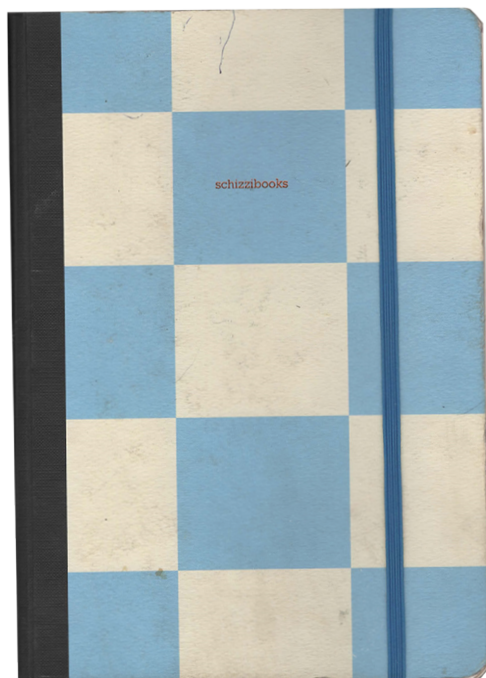
Querido diário,
Começando esse caderno com o
intuito de dizer que ele é meu TCC.
Não sei como nem porque. Minha
letra é feia será que vai dar leitura?
Agora estou tentando escrever reto
mas até quando?

Percebi que estou me importando
com um monte de coisa que eu não
me importo. O que eu quero?
Quero amorzinho sincero e ser uma
professora de arte.

Vamos levar isso + a sério?

17.05.24

Figura 15



estado de rinite

s.t

Sabe quando vc ta na puberdade e seus pelos crescem suas vontades evaporam e tudo isso fica tão gritante e pubercalo pq você está na puberdade e todo mundo diz que adolescência é uma fase difícil e mesmo assim você tá passando por ela achando q entende tudo e depois percebe que você não tinha razão em nada? sabe quando você tem medo, medo de entrar em um carro e ser sequestrada pelo resto da sua vida. medo de que haja um complô contra você, medo de estarem te observando. todos os lados são inimigos.

meu tcc é sobre amor
proprio
voce mira no amor e acerta na
solidao?
ideia de completude
o que é completude para voce?
mas isso conversa com o que
vc acredita?

no que voce acredita?
busca por referencias
processos criativos

#imagem em formato de
conversa de wpp com voce
mesma "euzinha" layout de wpp
? brega? sem o back ground
talvez só a linha tipo dog ville a
essencia
na cabeça a conversa é...

love

sinto que venho me
fechando de novo

[#love](#)

love

cuidado com a
autosabotagem

corpo em guerra
presente
a gente
procura segura
conforto em seu olho
mergulho profundo

mas corpo em guerra
não espera
duvida aflita

corpo solto ou
corpo em guerra?
espera...

love

como alcançar suas
vontades?
observando o mundo e as
frestinhas

[#love](#)

love

- você iria faria uma trilha
de terra na chuva comigo
sem reclamar?
- faria!
- sério? sem reclamar??
- ah, eu vou reclamar mas vc
que lide com isso

[#love](#)

love

o que se fazer quando se
está tudo diferente?
as demandas mudaram, nas
dinamicas você existe, o que é
sobreviver? o que é viver?
lugares que nunca imaginou
que ia pisar você escova os
dentes, você já é aquilo que
você queria. como manter?

[#love](#)

love



[#love](#)

love

5. contemplar

Quando reflito sobre o conceito de felicidade, percebo que ela se manifesta nas pequenas coisas do dia a dia. Sinto alegria ao subir uma ladeira, depois de descer correndo, com o vento no rosto e o ar preenchendo meu peito. A satisfação vem ao abrir um saco de argila, manipulando a terra e percebendo a interação entre o novo e o velho, enquanto mantenho o ritmo da respiração. Momentos simples, como um suspiro suave no ouvido ao sentir seu toque carinhoso. Na rotina diária e na vida de dona de casa, encontro contentamento ao capturar e compartilhar momentos belos, transformando meu corpo físico em uma presença digital. Assim, a felicidade se revela nos instantes, tornando-se uma dança entre o cotidiano e a magia das experiências.

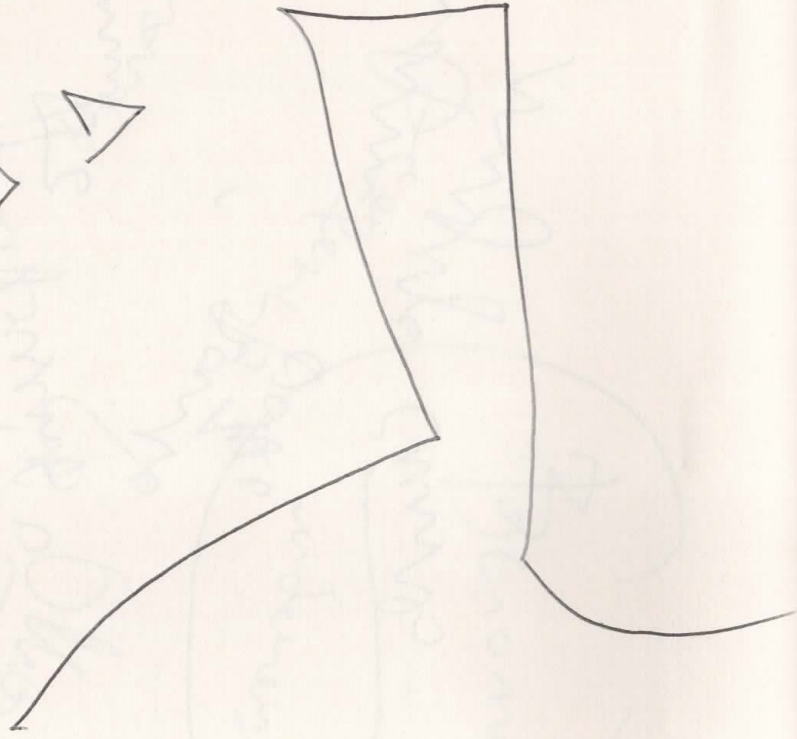
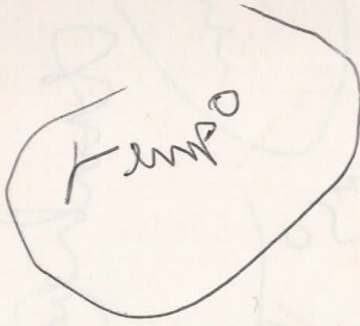
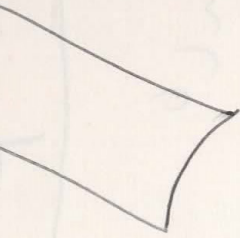
“Não há homem ou mulher que por acaso não se tenha olhado ao espelho e se surpreendido consigo próprio. Por uma fração de segundos a gente se vê como um objeto a ser olhado. A isto se chamaria talvez de narcisismo, mas eu chamaria de: alegria de ser. Alegria de encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: ah, então é verdade que eu não me imaginei, eu existo.” (Lispector, 2020)

Navego na dicotomia entre ser e não ser, questionando o significado da existência e desafiando a cronologia do tempo, já que no mundo digital os eventos não seguem uma ordem cronológica, mas sim a ordem dos fatores que escolhemos destacar. Além disso, como menciona Clarice Lispector, há algo universal na experiência

de se olhar no espelho e se surpreender com a própria imagem. Por um breve momento, vemos a nós mesmos como se fôssemos objetos a serem observados. Isso pode ser interpretado como narcisismo, mas eu também prefiro chamá-lo de “alegria de ser”. É a felicidade de encontrar na aparência externa um reflexo da nossa essência interna, proporcionando um momento de reconhecimento da nossa própria existência. Ao contemplarmos nossa imagem, sentimos uma validação da nossa identidade, embora essa representação não capture toda a nossa complexidade.

Figura 17





do outro sobre
você.

você
é sobre
você sentir

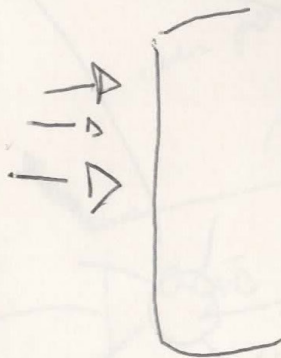
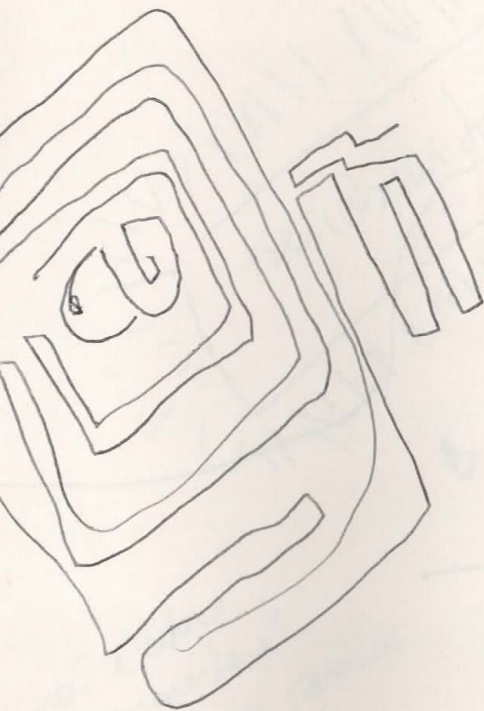


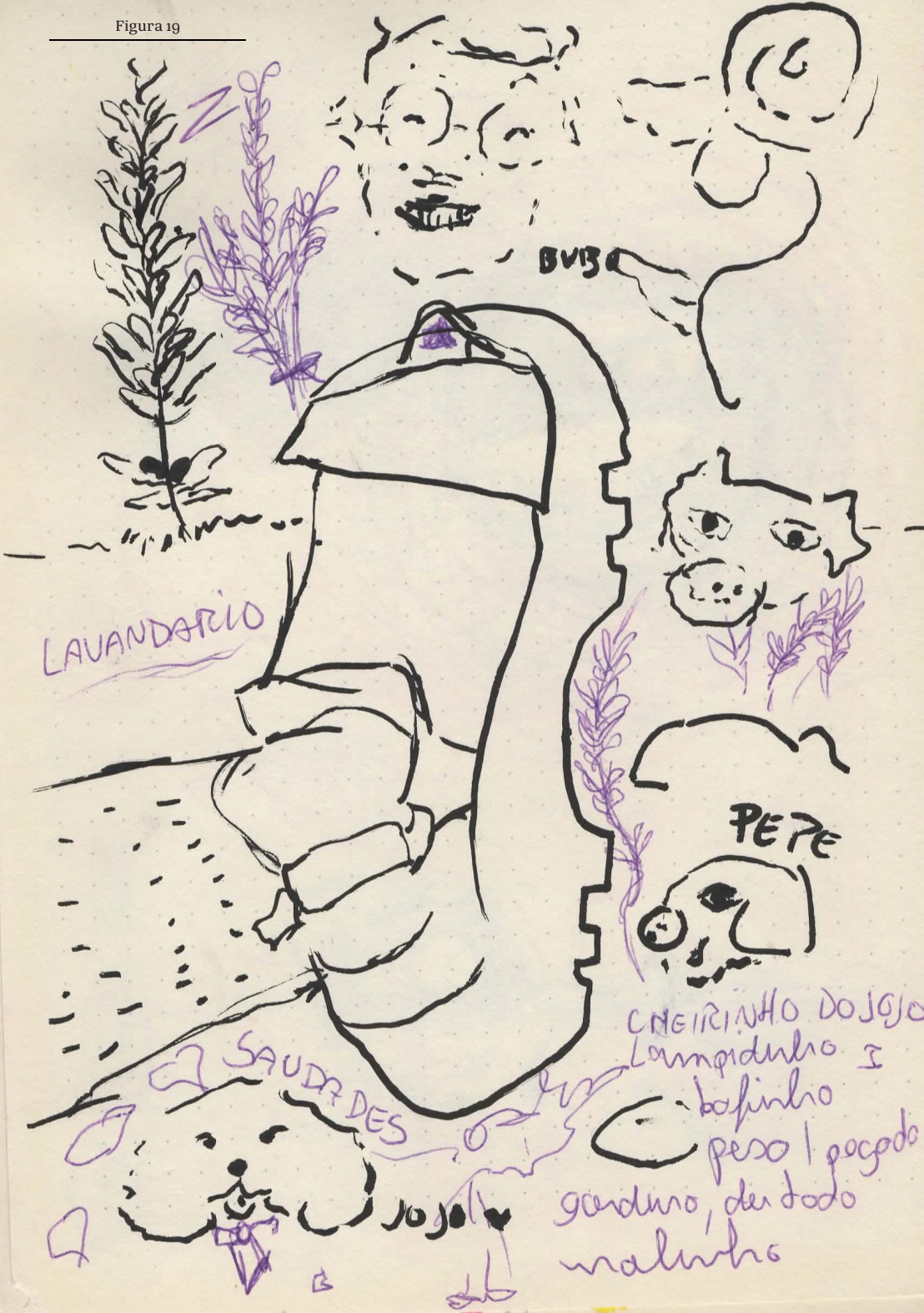
Figura 18

Querido diário,
Acho que venho precisando escrever
sobre os dias bons. Ando tendo muitos =)
Dias calmos para pensar, para superar
e entender. Aproveitar para olhar lá de
cima do alto de uma montanha e respirar.
Andanças e movimentos nos finais
momentos há movimento mas também há
descanso. Com você e comigo. Momentos
de prazer comigo mesmo, com o jogo e
com pepê. Quando eles já não estão mais
presentes por que ficam no pé aos meus pés.
Sim eu quero o mundo aos meus pés e que
mal tem isso? Você gosta tanto quando...

~ amores de infância

João Otário

Eu acho que ele gostava
de mim mas as vezes ele
falava mal comigo. Uma
vez disse que eu tinha
que raspar o bigode de
um jeito maldoso.



conversando com meus
pretinhos tasha y tracie,
djonga, bk, flora matos, black
alien, luisa sonza, arlindo
cruz, renato aragão, adoniran
barbosa, nat king cole, beth
carvalho, dona ivone lara, toni
tornado, nancy wilson

sair de um
relacionamento
deixar cair um pratinho
ou vários deles
abrir mão de uma certeza
repensar a certeza
ter outros povs da certeza
os sete pecados
todos juntos e girando
assim como as leis
hermeticas
sempre se realinhando
mundo girando

o por que desse trabalho o porque de querer estar bem?
pq querer ficar feliz com o que se tem e ir dando um passo
de cada vez por tudo que eu já vi, não vivi totalmente pois
sempre tive minha familia junto comigo me dando colo e
incentivando hoje me vejo como xodozinho dos meus país
mesmo sem compreender totalmente os motivos deles
uma vez uma amiga sabia me disse eu faço isso por mim
e não por eles em buscar minha independencia

“Em todos os casos, a pessoa resiste à ideia de que a criança enxerga sua hipocrisia, de que essa criança parte do seguinte pressuposto: “Se eu não consigo ser vista como uma pessoa bonita, aceitável e digna nem por minha mãe, então aquele mundo mais amplo que todos os dias me diz que branco é melhor deve estar certo”. Essa é a citação exata de uma linda aluna negra, com aproximadamente vinte anos, que compartilhou ser isso que ela costumava dizer a si mesma. E já adulta, quando pessoas dizem o quanto ela é bonita, essa é a mensagem que sua voz interior transmite como lembrete. Mesmo que muitos estudiosos e intelectuais ridicularizem a autoajuda, é uma área importante no processo de auto recuperação para as mentes racialmente colonizadas. HOOKS (2021, p. 81)

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso estaremos adiando o fim.

É importante viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, não como uma metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros. KRENAK (2020, p. 27)

se encontra ausente
e mesmo ausente se faz
presente
sua ausencia gera medo
gera procura
parece que incomoda
assim como sua presença
sua ausência

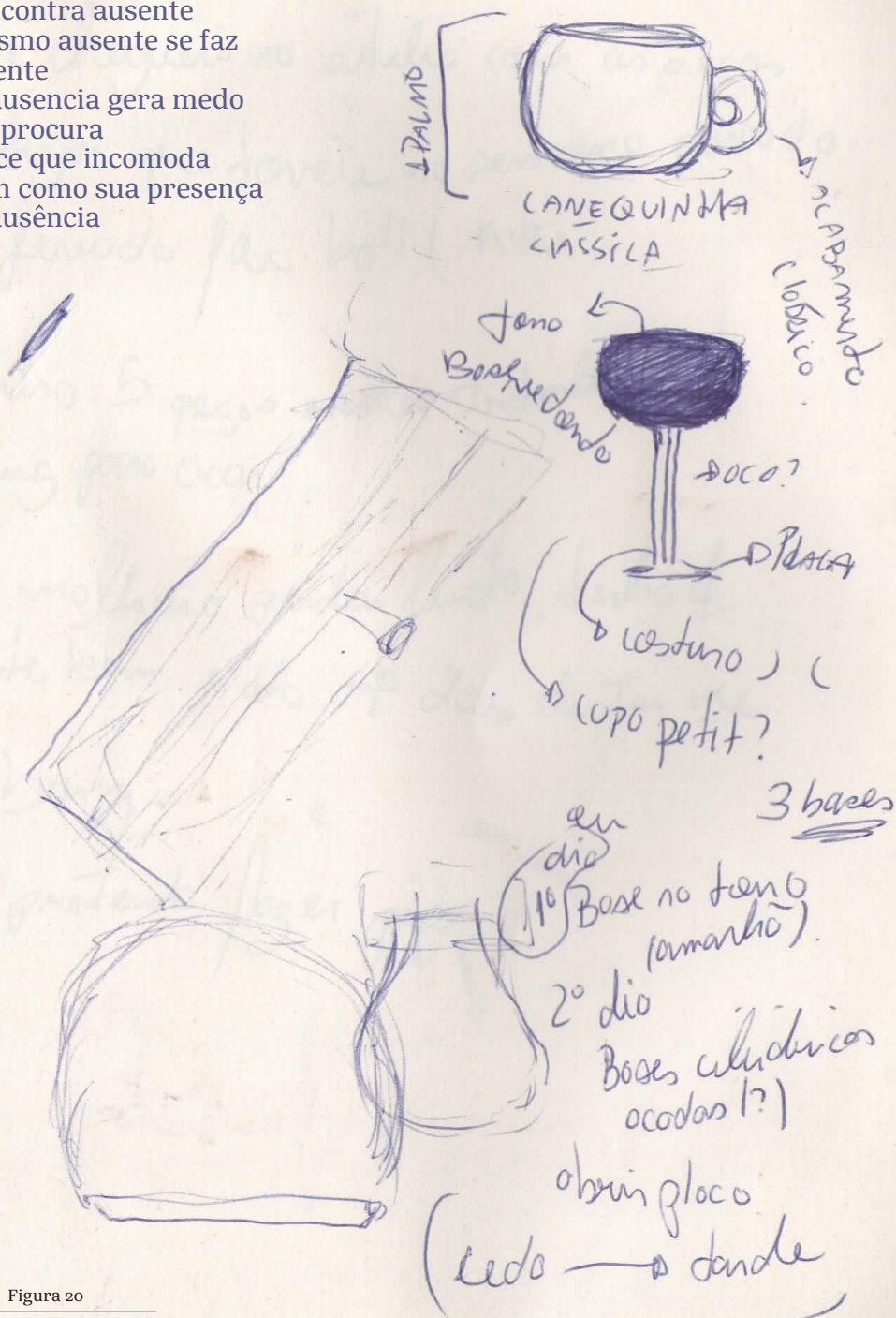


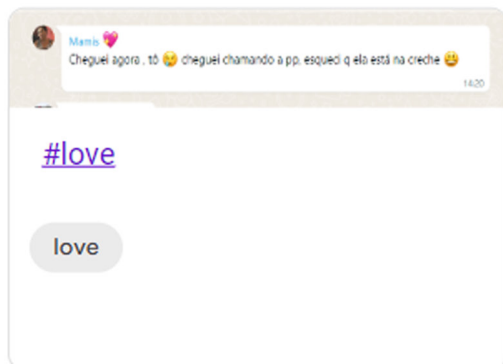
Figura 20

AGORA PRESENTE
ME PERCEBO CORPO
PRESENTE
MENTE
VEJO MEUS DEDOS
SINTO MINHA COLUNA MEUS
PÉS
MINHA BUNDA
ESTICO TANTO MINHA
COLUNA
SINTO MEU CORPO CRESCER
MEUS BRAÇOS SE APOIAREM
VEJOSAS FALHAS NA POSTURA
VOCE ESCREVE ASSIM Ó
QUAL É O MELHOR JEITO DE
ESCRITA
MAQUINA AUTOMATICA QUE
VEM E QU FLAA
A SE PERCBNERSE OBSERVAR
HOMEM DUPLICADO

sempre quando to comendo
algo e não consigo comer
tudo lembro da mamae falando
"come a carnhinha"

[#love](#)

love



as vezes eu esqueço
a sorte que eu tenho

[#love](#)

love

sonhei que estava com s
luisa osonza fui pega foto p
tira cideo tremendo e nervosa e
quando eu parei p olhar ocvidro
ela ja tinha ido embora
as coisas ns vida são assim
elas vao embora e a gente nem
ve

[#love](#)

love



"tem que ir de
bundinha"



[#love](#)

love



entre as estrelas em volta
de andromeda

referencias mundo
livro dos fundos
falta de referencias
pensamento nao linear

as vezes eu fico com medo de te perder.
dependência provável
querer viver a vida com alguém
tem como consequência medo de perder
na nossa construção e nos meus imaginários o que nos
une é a vontade de estar junto
compartilhar a vida e os momentinhos bons
os carinhos os cafunes na cama os momentos de colinho
percebemos que no meio do caminho nos mudamos
transmutamos
percebemos nos conectando
a gente sabe o que são momentos bons pq já vivemos
ruins
eu corro corro corro
meu instinto sempre foi fugir
sair e descobrir
lembro da lele pequenininha abrindo a geladeira e
misturando todos os temperos pra ver o que eles davam
se dava pra comer
bruxinha alquimista
gosma preta com páprica
depois arroz quentinho
com você desde o começo foi arroz quentinho
tipo um bowlzinho de shimeji com manga cortadinha
sarradinha nas costas e danças estranhas
liberdade de ser e fazer
isso me assustou e até hoje assusta
a arte de perder não é um mistério
escreve

dialogos da cabeça

**aprendi que chorar no colo
é um dos meus lugares favoritos
amor é isso é colo abrigo
é teia pra jogar a gente longe, ação**



Figura 22

querido diario,
hoje acordei diferente
há tempos acordo diferente
mais introspectiva mais decidida
mais cautelosa mais inibida
mas ao mesmo tempo desinibida
diferente
não sei como
agindo com cautela talvez sem pressa
tentando equilibrar o meu querer e meu poder
esse buraco de alguma coisa



Figura 23

6. Felicidade é viver na sua própria companhia

Como brincadeira de bar gosto de esgoelar sobre arte e vida, a vida como um happening⁷. Sobre sinceridade com o que a gente sente, sobre não evitar sentir mas pensar sobre o sentir, entender de onde ele vem e deixar fluir. Que botões esse sentimento aperta no meu ser?

Assim como um rio que contorna seus meandros para alcançar seu destino, também é necessário enfrentar e superar os desafios ao longo do caminho. Na realidade que acreditava ser pra mim, deixar fluir não foi uma opção, mas água a gente não segura, ela tem vontade própria.

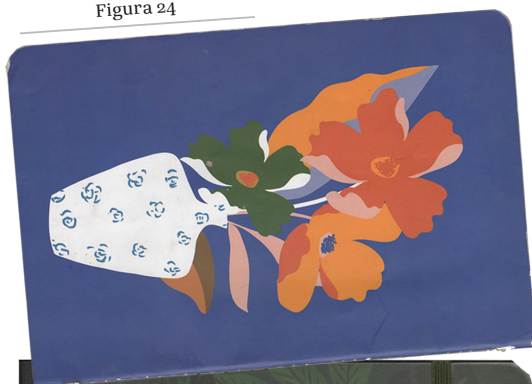
Encolher para caber faz perder o controle que agora percebo que nunca existiu. A água, então, transborda e invade os arredores. A sensação de falta de movimento faz com que campos de flores se tornem focos de alagamento. Pois encher de água é movimento natural, enchente traz fertilidade. Mas lembrar a mim mesma que alagamento não é enchente. Quando estamos em períodos de cheia volto para casa, me volto pra mim.

⁷ Cohen, no livro *Performance como linguagem*, associa o happening ao conceito de teatro livre, destacando sua liberdade formal e ideológica. O happening busca a superação das separações entre sujeito e objeto, como espectador/ator e explorador/explorado. Jean Jacques Lebel, um dos pioneiros do happening na Europa, aponta a liberdade criativa e a superação dessas dualidades como princípios centrais da prática. (LEBEL, 1966, *Le Happening*, p. 31).

Que estamos sozinhos debaixo da nossa pele é um fato. Que sofremos por causa disso é outra coisa. Nossa cultura tende a colocar a solidão como uma patologia, na medida em que junta solidão e sentimento de solidão em uma mesma ideia. É o fato que nascemos e morremos sozinhos, mas entre uma ponta e outra, nossa vida se dá na relação com várias pessoas. Quem não pode assumir psiquicamente que está só em seu corpo tende a adoecer...” (Suy, 2022, p. 40)

Para Ana Suy, solidão é um aspecto intrínseco da condição humana, circunstância que muitas vezes misturei com a sensação de estar só. No passado, estar só para mim era uma imposição, assim como ficar, assim como esperar em casa por você chegar. Mas água a gente não segura. Me percebendo presa em antigos ciclos decidi me registrar para poder me revisitar. O tempo age sobre a paisagem que o rio passou, talvez o tempo diga se é alagamento ou enchente. Se é campo de flor pra dormir de conchinha, montanha para escalar, curva pra virar ou galho pra pular, é louco pensar que os rios sobem montanhas e a partir disso são muitas possibilidades. A permanência é uma escolha, é muito potente o poder de escolher. Os meus antepassados não tiveram direitos a muitas escolhas, mas hoje eu tenho e o que faço com elas?

Figura 24



No presente percebi que posso me permitir explorar. Visitar campos, cultivar flores. Quão potente é o poder regar, observar o crescer, o cair, o mudar. A direção que os galhos tomam: alguns vão pra cima, outros vão pro lado. Entretida com meu próprio poder de cultivar, me frustro ao tentar domar. ‘Eu quero escolher para onde os galhos vão’, pensava. Nunca imaginei que, ao plantar sementes, elas cresceriam e tomariam formas próprias, e não as minhas. Perceber isso é poderoso, porque eu também quero isso para mim.

Lembre-se, as coisas
mais óbvias costumam
ser as mais difíceis de
serem entendidas.

(Suy, 2022, p. 37)

7. Sobre o que fica

Certa vez, após devorarmos um virado à paulista, perguntei à mamãe sobre os incômodos, sobre como lidar com a inquietação que compartilhamos, sobre os não-lugares⁸ (Augé, 2000) que habitamos, repletos de tantas dúvidas. Ela admitiu que não sabia, mas que, de alguma forma, esse sentimento é presente. Ao parar o tempo e refletir sobre essas inquietações que parecem persistir, que voltam a se repetir, percebo onde o corpo e a mente brigam em conflito. Corpo em guerra, busca conforto distante, ideal, inatingível. Não é uma guerra externa, mas uma luta interna: o corpo em conflito com a mente, tentando se soltar, se adaptar, se superar enquanto craquelada entre a dúvida e a espera.

A vida, assim como a arte, é uma busca por aquilo que não tem definição, por aquilo que vai além do imediato. É um processo criativo no qual somos, simultaneamente, o criador e a criação.

⁸ O autor define os não-lugares como espaços de transição, de passagem, que não têm identidade ou significado cultural e social para as pessoas que os utilizam, como aeroportos, shoppings e rodovias. Em contraste com o “lugar”, que carrega um forte componente de pertencimento e de identidade, o não-lugar é caracterizado pela impessoalidade e pela falta de vínculos sociais ou históricos. A discussão de Augé sobre o não-lugar encontra ressonância nas reflexões de Zygmunt Bauman em sua teoria da modernidade líquida, onde ele aborda a fragilidade das conexões sociais e a sensação de deslocamento e alienação, características de uma sociedade cada vez mais fluida, onde a experiência de pertencimento se torna mais difícil e transitória, como ocorre nos não-lugares.

E, nesse processo, muitas vezes esquecemos do acaso. Bell hooks, em *Outlaw Culture: Resisting Representations* (1994), fala sobre a arte como uma forma de resistência — uma maneira de subverter as representações dominantes e de criar novas formas de ver e sentir o mundo. Para ela, tanto a vida quanto a arte são processos contínuos de transformação, onde nos desafiamos a romper com as limitações impostas, tanto no plano pessoal quanto social. Nessa busca constante por novas possibilidades, nos tornamos não apenas os criadores, mas também as próprias criações.

Assim, como na arte, nossa identidade e nosso poder estão em constante formação. E é por meio da vulnerabilidade — de nos permitirmos existir — que transcendemos as estruturas dominantes, criando espaços de liberdade onde a criatividade se expressa¹⁰. Nesse sentido, somos, de fato, “agentes do acaso”, pois ao desafiarmos expectativas impostas, as vezes por nós mesmos, damos vida a novas possibilidades, tanto dentro de nós quanto no mundo ao nosso redor.

Lembro-me do momento em que entrei na faculdade: uma alegria pela conquista e uma série de incertezas sobre o futuro, a busca por autonomia financeira e a preocupação com a saúde de minha mãe. Contudo a universidade me encantou, oferecendo novas formas de pensar, de existir e de me relacionar com o mundo. Com o coração aquecido pela sensação de ter dado um pequeno passo, pensava: “Logo, logo, precisarei dar um pulo”. Porém, esse “pulo” não foi imediato, mas uma construção, uma sequência de passos, descompassos, encontros e acasos que eu não poderia prever ou imaginar.

Sartre nos lembra que “imaginar é um ato de liberdade, desvinculado de qualquer necessidade de corresponder à realidade” (Sartre, 2008, p. 14). A imaginação é um movimento criativo que vai além da simples reprodução do mundo. Essa ideia ressoa com a visão de Spinoza, para quem “a verdadeira liberdade consiste na compreensão das causas que determinam nossas afecções” (Ética, Parte V, Proposição 42). Para ele, as imagens não são mais do que afecções do corpo e do espírito, que só se tornam verdadeiras quando somos capazes de compreender as causas que as originam. Ao comparar dois pontos de vista, percebo que é possível escolher o que queremos acreditar. Podemos escolher a realidade de forma mais plena e livre, compreendendo-a de maneira que nos permita perseguir nossos desejos com mais leveza.

Concluir este trabalho me permitiu compreender melhor o valor do deslocamento. Em minha busca por entender minhas emoções, percebi que a vulnerabilidade, não é fraqueza, mas uma força transformadora. No contexto atual, Byung-Chul Han critica a superficialidade das interações digitais, que tornam nossas experiências “lisas”, sem profundidade. Para ele, a textura⁹ entendida como a riqueza das relações humanas é sacrificada em favor da eficiência, gerando alienação e distanciamento do real. Textura, corpo, alma ao contrário da fluidez das imagens digitais, é o que dá profundidade à experiência humana e nos conecta ao presente, ao corpo e aos sentidos.

⁹ Byung-Chul Ha discute a textura em termos não apenas sensoriais, mas também como uma ferramenta estética no design e na arte, destacando sua importância tanto na percepção visual quanto tátil dos objetos e espaços. Ele explora como a textura pode evocar diferentes emoções e afetar a interação do público com o ambiente ao redor.

Em meio a saturação de imagens e estímulos digitais, esquecemos de experienciar o mundo através dos sentidos, do cheiro, do toque, do sabor. O cheiro que guia o conforto é aquele que reconheço ao afagar o nariz no cangote — é o cheiro de casa, aroma que traz à tona a sensação de acolhimento, segurança e existência. Onde o simples ato de respirar é uma lembrança de quem sou, de onde venho, e do que me constitui. É nesse “toque” que encontro uma conexão com a essência da vida, com as cascas da imagem. Como Jaqueline Viana nos propõe em seu trabalho *Olhar o que vejo, Guardar o que sinto: o caminho como experiência*, somos seres em constante movimento entre diferentes mundos, e cada experiência é uma imagem não apenas capturada pelos olhos, mas sentida pela alma. É no caminhar, no encontro de instantes, que construímos nossa narrativa e expandimos nossa visão de mundo.

Explorar a vida é, sem dúvida, uma aventura. Como sugere Viana, essa jornada não se limita ao físico, mas se estende ao sensorial e ao emocional, movendo-se de forma contínua entre mundos diversos internos e externos, reais e imaginários. E, por ser um movimento incessante entre esses mundos, entendo a importância do

diário, um espaço onde o viver se traduz e se compreende, onde a experiência se torna memória. Cada passo é uma imagem, cada novo encontro é uma oportunidade de aprender e de expandir nossa percepção. Ao observar e guardar o que sinto, cria-se uma costura da memória¹⁰, uma trama de vivências que me permite perceber que a beleza da vida está na conexão com o que me cerca, com os sentidos e as emoções que, embora efêmeras, dão chão à existência.

¹⁰ Rosana Paulino utiliza a técnica de bordado e costura em suas obras como um gesto simbólico de reconstrução da memória histórica, especialmente no contexto das vivências de mulheres negras no Brasil. A “costura da memória” se refere ao entrelaçamento de histórias pessoais e coletivas, resgatando narrativas apagadas ou distorcidas pela história oficial e criando novas formas de compreensão e resistência. Como a própria artista afirma: “A costura é uma maneira de reconstruir o que foi fragmentado, de dar forma ao que foi silenciado. Cada ponto é um gesto de resistência, de reapropriação de nossa história e de nossa memória.” Esse processo artístico articula o passado e o presente, dando visibilidade às experiências de grupos historicamente marginalizados.

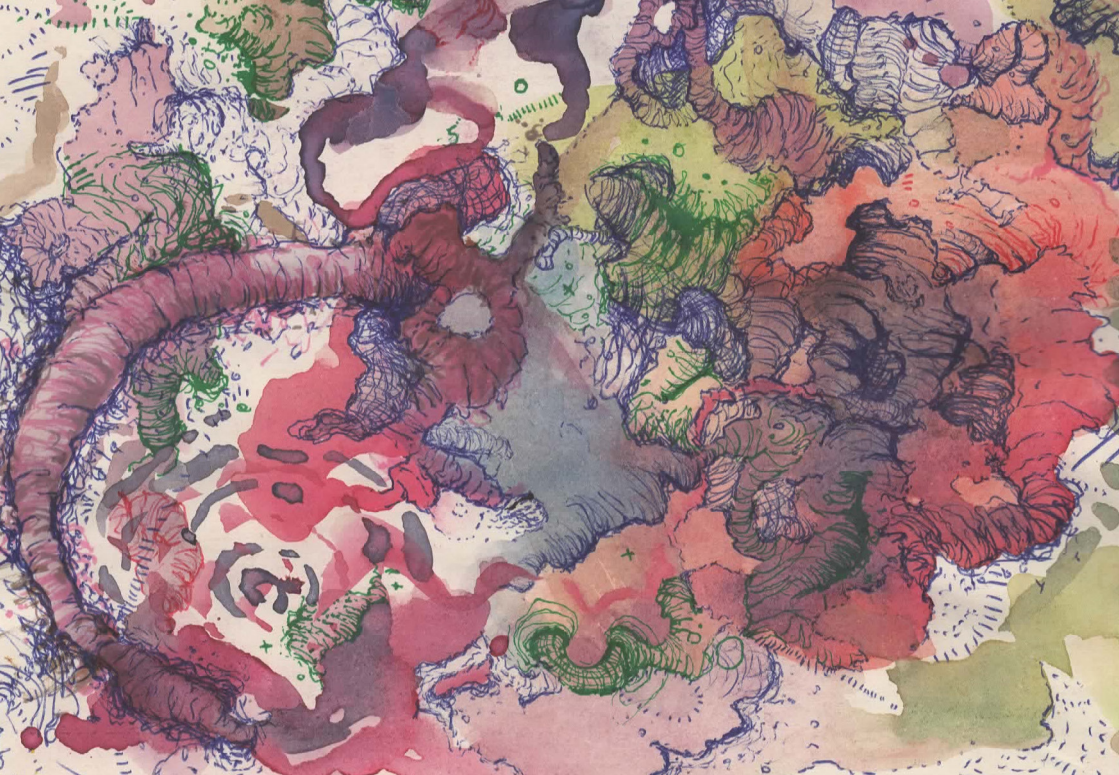


Figura 25

E assim, no entrelaçar dessas ideias — a liberdade criativa da imaginação, a camadas de textura, a busca pelo autoconhecimento e a celebração da vulnerabilidade — entendo que o amor e a vida se constroem em uma dança entre o ser e o mundo, entre o querer e o poder. Ao viver, projetamos e moldamos realidades, como moldar argila, cada passo, cada toque, é parte desse processo, de vivência e de aprendizado.

“E o que eu quero e o que eu preciso
Nem se reconhecem quando se encontram na rua
Faço o que é preciso, você me conhece
Meu canto te encontra na rua”

Carta Para Amy - Black Alien

21:48

Figura 26



Mensagens favoritas

Editar



1:22

★ 15:12



Mamis 💖 · Mães do Jojo

27/09/2023

Eu e a pp estamos assim não dá pra explicar, 😊 comemos uma manga 🍌 muito docinha, e uma melancia 🍉 😊 e o estrogonofe, tô deitada com preguiça de levantar.

★ 13:52

21/09/2023

~gui +55 11 99468-3925

— due a putinha

Saudade 😊 de
😭 quando 🏳️
viado 😊 (gay)
😏 dava 😊 o 😊
cu 💖 e 😊 não
😍 opinião 😊

★ 19:14



Fechar

A arte de perder não é nenhum mistério;
Tantas coisas contêm em si o acidente
De perdê-las, que perder não é nada sério.

Perca um pouquinho a cada dia.
Aceite, austero,
A chave perdida, a hora gasta bestamente.
A arte de perder não é nenhum mistério.

Depois perca mais rápido, com mais critério:
Lugares, nomes, a escala subsequente
Da viagem não feita. Nada disso é sério.

Perdi o relógio de mamãe. Ah! E nem quero
Lembrar a perda de três casas excelentes.
A arte de perder não é nenhum mistério.

Perdi duas cidades lindas. E um império
Que era meu, dois rios, e mais um continente.
Tenho saudade deles. Mas não é nada sério.

- Mesmo perder você (a voz, o riso etéreo
que eu amo) não muda nada. Pois é evidente
que a arte de perder não chega a ser mistério
por muito que pareça (Escreve!) muito sério.

Bishop, 2021, p. 81

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. A máquina do mundo. *Revista A ordem*, Rio de Janeiro, novembro de 1949.

ANDRADE, Vinicius; ZADOROGUOI, Henrique. Estudos acerca do horror burocrático como ferramenta anti-sistema. Vida e assertividade. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 9, 2024. *Anais [...]*/Belo Horizonte, 2024.

AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BISHOP, Elizabeth. *A arte de perder*. [S.l: s.n.], [19--].

COHEN, Renato. *Performance como linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*. São Paulo: Editora 34, 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Essayer Voir*. Paris: Éditions de Minuit, 2014.

ELLISON, Ralph. *The Invisible Man*. New York: Random House, 2001.

HAN, Byung-Chul. *A sociedade da transparência*.

Tradução de Eloá P. G. S. Lima. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

HARRIS, Michael D. *Mark Rothko: A Retrospective*. New York: Museum of Modern Art, 1998.

HARTMAN, Saidiya. *Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais*. Tradução de Floresta Editora Fósforo. 1. ed. São Paulo: Fósforo, 2022.

hooks, bell. *Outlaw culture: resisting representations*. New York: Routledge, 1994.

hooks, bell. *Ensinando a comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Elefante, 2021.

hooks, bell. *Tudo sobre o amor*. São Paulo: Elefante, 2021.

KILOMBA, Grada. “Ilusões Vol. I Narciso e Eco”. In: *Grada Kilomba: Desobediências Poéticas*. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2016.

Krenak, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. 1. ed. São Paulo: Autêntica, 2014. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 03 out. 2024.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MATTAR, Sumaya. *Sobre Arte e Educação: Entre a Oficina Artesanal e a Sala de Aula*. 10 ed. Campinas: Papirus Editora, 2022. Print.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. *ETD Educação Temática Digital*, v. 18, n. 4, p. 745-768, 2016.

PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Rosana Paulino: A costura da memória*. Disponível em: <https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/rosana-paulino-a-costura-da-memoria/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

SARTRE, Jean-Paul. *A imaginação*. Tradução de Maria de Lourdes de Lima. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2008.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Tradução de Sergio B. M. de Souza. São Paulo: Editora 34, 2002.

SUY, Ana. *A gente mira no amor e acerta na solidão*. São Paulo: Planeta Brasil, 2022.

SANTOS, Jaqueline Viana dos. *Olhar o que vejo, guardar o que sinto: o caminho como experiência*. 2023. 82f. Trabalho de conclusão de curso (TCC) — Instituto de Artes da UNESP, São Paulo, 2023.

VASALLO, Brigitte. *O desafio poliamoroso: por uma nova política dos afetos*. São Paulo: Elefante, 2022.

ZOOEY, J. P. *Sol artificial*. São Paulo: DBA Editora, 2020.

Índice de imagens

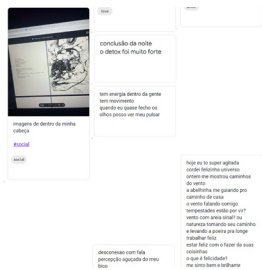


Figura 1
Anotações, 2024
Fonte: Google Keep

p.22

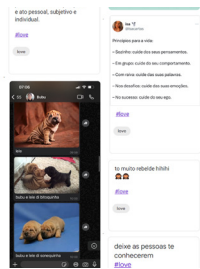


Figura 2
Anotações, 2024
Fonte: Google Keep

p.23



Figura 3
Churrasco no trabalho
do papai, 2004
Fonte: Álbum de Família

p.26



Figura 4
Fitchek em natal, 2024
Fonte: Álbum de Família

p.28

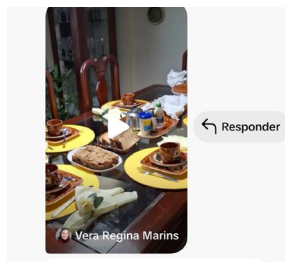


Figura 5
Conversas, 2024
Fonte: Instagram chat

p.29



Figura 6
Minha priminha Elisa, 2024
Fonte: Diário Pessoal

p.30

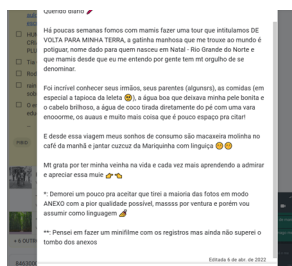


Figura 7
Querido diário, 2024
Fonte: Google Keep

p.31

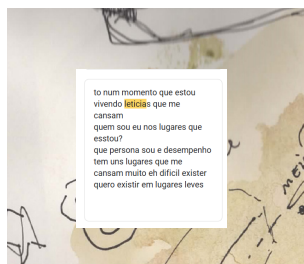


Figura 8
Desabafo com imagens de queres, 2024
Fonte: Google Keep

p.34

com outras pessoas mas com a
 bu que é mt proximo a mim
 tenho zero pq?? e sou mt crica
 com ela

mas eu odeio tbm nos outros
 eu odeio pessoas eu so gosto
 em doses palatáveis acho
 insuportável ter pessoas mt
 proximas a mim as vezes

com as pessoas que tao perto
 de mim em alguns sentidos

Figura 9
 Pensamentos, 2024
 Fonte: Google Keep

p.36



Figura 10
 Anotações, 2023 - 2024
 Fonte: Google Keep

p.37



Figura 11
 ALYS, Francis. Sometimes
 Making Something Leads
 to Nothing – Paradox of
 Praxis 1, 1997
 Fonte: Youtube

p.38



Figura 12
 Coloque essa energia
 em você, 2024
 Fonte: Diário Pessoal

p.39



Figura 13
GERICAULT, Théodore. The
Epsom Derby, 1821.
Fonte: Arte moderna, Argan

p.42

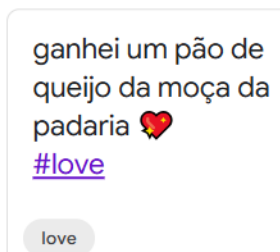


Figura 14
Relatos de felicidade, 2024
Fonte: Google Keep

p.43

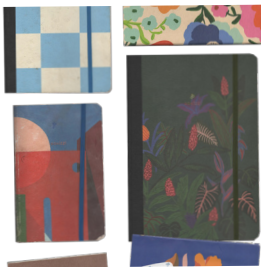


Figura 15
Capas dos diários,
2022 - 2024
Fonte: Acervo pessoal

p.45

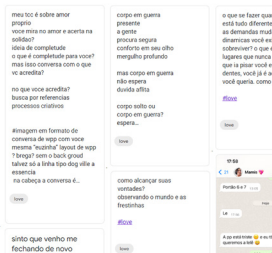


Figura 16
Diário em forma de notas,
2022 - 2024
Fonte: Google Keep

p.47



Figura 17
Cartas
Fonte: Acervo pessoal

p.49

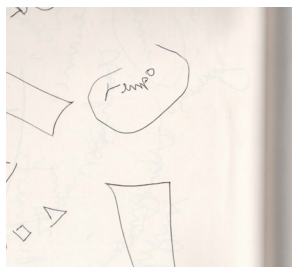


Figura 18
Pensamento sobre plano,
2023
Fonte: Diário Pessoal

p.50-51



Figura 19
Cunha - Registro de viagem
Fonte: Diário Pessoal

p.54



Figura 20
Planejamento
cerâmico, 2024
Fonte: Diário Pessoal

p.60

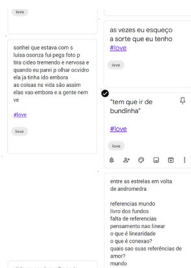


Figura 21
Copilado de pensamentos,
2022 -2024
Fonte: Google Keep

p.62



Figura 22
SCHNEEMANN, Carolee
Interior Scroll. 1977
Fonte: Acervo digital

p.65



Figura 23
iNSIDE my head, 2024
Fonte: Diário Pessoal

p.67



Figura 24
Mais algumas capas de
diário 2022 - 2024
Fonte: Acervo pessoal

p.69

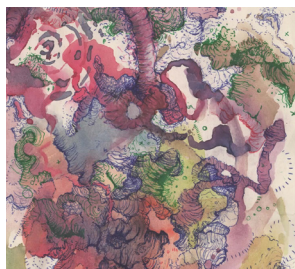


Figura 25
Desenhando meu coração
Fonte: Diário, 2023

p-77

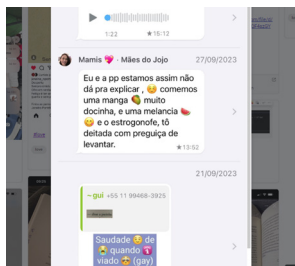


Figura 26
Minha mamãe e uma
gayzinha, 2023
Fonte: Google Keep

p-78